

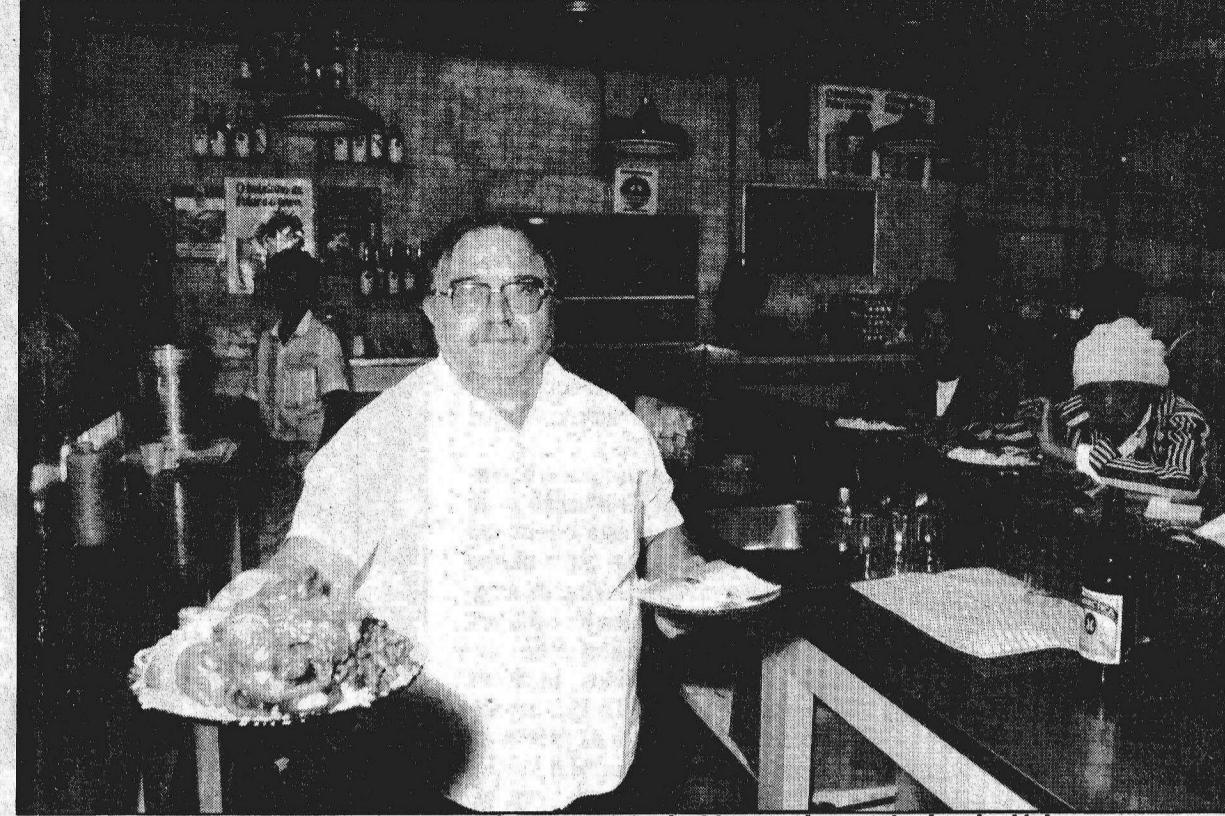
CIDADE

BRASÍLIA, DISTRITO FEDERAL, DOMINGO, 6 DE SETEMBRO DE 1992



Para Credmann, a Rodoviária é "um dos lugares mais aprazíveis e aconchegantes de Brasília"

Foto: Glenio Dettmar



O restaurante-lanchonete também guarda a memória de 32 anos do terminal rodoviário

Uma cidade no coração de Brasília

Rodoviária do Plano completa 32 anos com movimento e problemas de uma capital de 400 mil habitantes

LUIZA DAMÉ

Jeito de cidade do interior, onde se vende caldo de cana e pastel. População de capital — são 400 mil pessoas por dia. Assim é a Rodoviária do Plano Piloto — “o estúdio em que palpitárá a vida de Brasília”, como prega a placa de inauguração da estação, em 12 de outubro de 1960. Muito mais do que privetes e mendigos, a estrutura de mármore e concreto, no cruzamento dos Eixos Rodoviário e Monumental, esconde a história e estórias da capital federal, contadas com saudosismo pelos pioneiros que clamam pelos tempos em que a Rodoviária era ponto de encontro dos políticos, diplomatas e da população em geral.

“Quando não tínhamos nada o que fazer após as aulas, víhamos para cá tomar caldo de cana e comer pastel”, recordou o administrador de Brasília, Haroldo Meira, acrescentando que, nos anos 60, na Rodoviária estavam o melhor restaurante, a melhor farmácia e a melhor banca de revistas da cidade. A banca é a do pioneiro Samuel Credmann, há 25 anos instalado no local e que considera Rodoviária “um dos lugares mais aprazíveis e aconchegantes de Brasília”, naquela época. “Isso aqui era a alma de Brasília”, afirmou, ao lembrar que

pelo terminal passavam as pessoas que saíam e chegavam à cidade.

Buraco — Segundo Credmann, quando a Rodoviária começou a ser construída ele não entendeu muito bem a sua estrutura. “Não conseguia saber como iam fazer a Rodoviária naquele enorme buraco”, explicou. Porém, depois da obra concluída, virou um admirador da sua arquitetura. “Não tem nada igual. É uma obra completamente diferente”, disse o jornaleiro, conhecido por ter vendido coalhada com poeira, no início de Brasília. “O cliente pensou que fosse canela e não quis a coalhada branquinha. Eu tive de vender com poeira mesmo”, informou.

No entanto, a época áurea da Rodoviária está muito distante e os antigos concessionários têm mais reclamações que aplausos para a situação do terminal. “O que era para ser um cartão de visita de Brasília se transformou numa vergonha”, queixou-se Luiz Valon Lopez, da barbearia e perfumaria Copacabana, destacando que a estação está “desmoralizada”, cheia de sujeira e bares. Um pouco amargurado com as condições do terminal, ele até se nega a lembrar dos momentos positivos vividos no local. Mas depois de passada a raiva, Va-

lon fica envaidecido de ter ajudado a colocar as escadas rolantes em funcionamento para receber o presidente Juscelino Kubitschek.

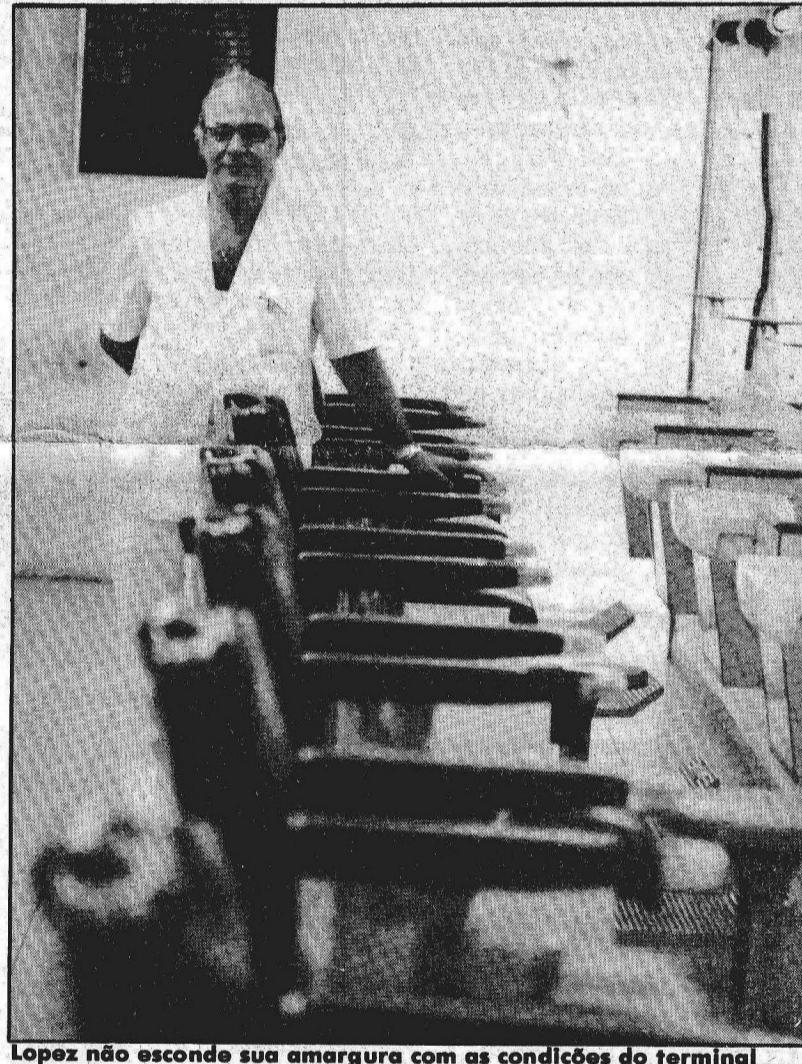
“Em novembro ou dezembro de 60, o presidente veio almoçar aqui no restaurante do Alvin (onde atualmente funciona a agência do BRB, no mezanino). Ele chegou de helicóptero e um monte de gente se acumulou na porta do restaurante para vê-lo”, contou emocionado, afirmando que atendia a JK quando este foi deputado e a capital era no Rio de Janeiro. Valon também orgulha-se de ter dado entrevista à TV Nacional, esclarecendo o que era a Rodoviária e o seu funcionamento.

Badernaço — Embora os acontecimentos estejam bem vivos na memória dos concessionários e trabalhadores da Rodoviária, eles não se sentem muito à vontade em lembrar o fatídico 27 de novembro de 86. Revoltadas com o Plano Cruzado II, que descongelou os preços, 40 entidades sindicais de Brasília programaram uma manifestação na Esplanada dos Ministérios. O resultado foi um verdadeiro quebra-quebra nas lojas do terminal e proximidades, saques e depredação de carros, após a ação da polícia. Foi o chamado “badernaço”.

“Parecia que era um filme”,

comparou José Gerpe Cabezon, o “Cabeção”, que há 18 anos possui uma lanchonete na plataforma inferior do terminal. Ele defendeu seu estabelecimento dos manifestantes oferecendo cigarros e bebidas a quem tentasse saqueá-lo. “Ficou todo mundo apavorado. Era fumaça por todos os lados. Aqui na minha firma, nós amparamos muitas jovens chorando”, ressaltou Valon, ao lembrar que seus funcionários somente saíram da Rodoviária quando já estava escuro e acompanhados da polícia. Ele, entretanto, deixou o estabelecimento apenas quando a situação já estava normalizada.

Para o jornaleiro Samuel Credmann, o badernaço foi mais um momento de sobressalto durante os seus 25 anos de Rodoviária. “O pessoal da direita colocou uma bomba na minha banca porque não queriam que eu vendesse o jornal a Hora do Povo. Depois foi a vez da esquerda saquear e quebrar a banca porque eu estampei a primeira página dos jornais falando mal do movimento esquerdista”, contou. Na sua opinião, a função da banca era exatamente mostrar os jornais de todas as tendências. “Eu dizia para os meus funcionários: pendurem os jornais, não interessa qual”, informou.



Lopez não esconde sua amargura com as condições do terminal

Patrulhão garante segurança

Se já foi ponto de encontro da elite brasiliense nos primeiros anos da cidade, a Rodoviária também ostentou a condição de submundo de Brasília. No terminal, concentravam-se os menores infratores, prostitutas, mendigos, marginais e homossexuais. A maior parte da população que era obrigada a circular pelo local temia ser assaltada. “Na década de 80 não dava para ficar aqui depois de 7h00 da noite”, informou o barbeiro Luiz Valon Lopez. Para reverter esse quadro, o policiamento na estação foi reforçado, incluindo operações de revista dos suspeitos.

O resultado das batidas policiais foi a diminuição no índice de ocorrências registradas na Rodoviária. “O normal era de 12 a 15 furtos de veículos por mês nos estacionamentos. Em agosto foram três carros furtados, sendo um na Esplanada — que também é da nossa área”, garantiu o delegado Marcus Antônio da Silva que mantém em sua sala um arsenal de armas apreendidas — incluindo revólveres de plástico e madeira — usados pelos marginais no local. As ocorrências de um modo geral também diminuíram — em janeiro foram registradas 170 e no mês passado 110.

Criminalidade — O quadro de criminalidade na Rodoviária e adjacências começou a mudar em março deste ano, quando foi criada a 7ª Companhia de Polícia Militar Independente (7ª CPMin), com abrangência no Eixo Monumental, Setor Central, Esplanada dos Ministérios e Praça dos Três Poderes. Com a

implantação da 7ª CPMin passaram a operar o patrulhão da Rodoviária, a equipe águia e os policiais das plataformas. No total são 50 homens em cada turno atuando na estação.

Segundo o comandante da companhia, major Francisco Dal Molim, o patrulhão é composto de seis a oito soldados, liderados por um sargento, e sempre circula pelo terminal em grupo. Os policiais são escolhidos de acordo com o porte físico, sendo preferidos os mais fortes.

Paralelamente, a equipe águia — que inclui dois homens no alto do Conjunto Nacional e do Conic, mais três em terra — acompanha o movimento das adjacências, comunicando qualquer suspeito. Além disso, foram construídas dez plataformas que proporcionam uma viagem a três metros de altura, onde ficam os policiais observando a movimentação na estação.

História — Muito mais do que terminal de ônibus, a Rodoviária é um viaduto de cruzamento dos eixos Monumental e Rodoviário. Projetada por Lúcio Costa, o terminal começou a ser construído em dezembro de 58 e foi inaugurado no dia 12 de setembro de 60 — nas comemorações do aniversário de Juscelino Kubitschek. Maior obra de Brasília — segundo dados do Arquivo Público —, a estação foi construída pela Construtura Rabello — a mesma que fez o Palácio da Alvorada — com vãos de 30 metros de concreto em três planos, interligados por escadas rolantes e fixas. (L.D.)

Para muitos, um meio de vida

Paralelamente aos trabalhadores que têm na Rodoviária apenas um ponto intermediário entre a residência e o serviço, muitos dependem do terminal para sobreviver. Além dos rodoviários, são vendedores, funcionários públicos, ambulantes, engraxates, comerciantes, fotógrafos, taxistas, comerciários, entre outras profissões. Com a diversidade de atividades — a estação dispõe de 82 lojas e boxes divididos entre empresas públicas e privadas —, o cheiro de pastel se mistura com o odor dos escapamentos dos ônibus e o burburinho das pessoas se confundem ao barulho dos motores.

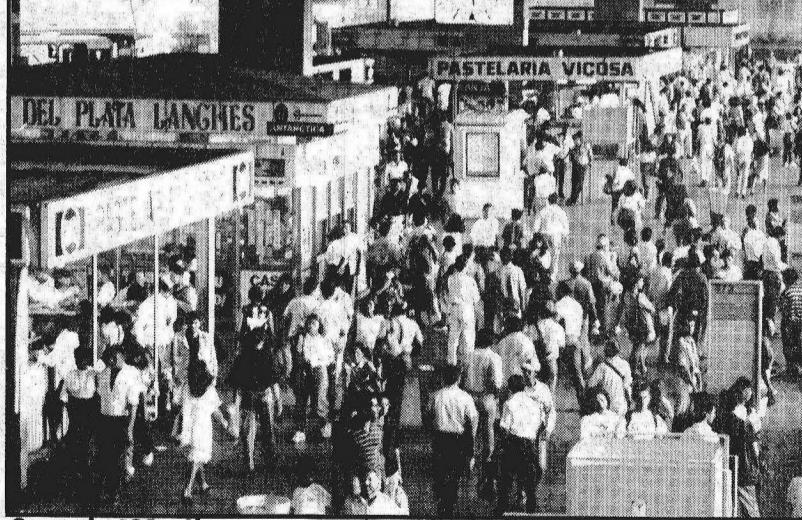
E quem passa o dia nesse pequeno universo de diferenças e situações pitorescas já se acostumou ao barulho, chegando a sentir falta do tumulto diário. “Eu não me sentiria bem trabalhando num escritório. Aqui sempre acontece uma coisa nova e a gente nem sente o tempo passar”, confirmou o fiscal da Viplan Antônio Rivani. “Isso aqui é uma verdadeira zoeira. Para falar comigo têm de gritar, se não eu não ouço”, afirmou o fotógrafo Pedro Rodrigues, há 19 anos na Rodoviária.

O fiscal da Viplan é um observador atento da vida no interior do “coração de Brasília”. Segundo ele, de segunda quinta, o movimento é tranquilo, mas na sexta-feira vira um caos. “É um chega e sai constante de pessoas”, ressaltou. Sábado é dia dos jovens — que transitam pelo terminal em di-

reção às festas e clubes. Já no domingo, a Rodoviária é tomada por operários da construção civil e domésticas. “Eles ficam horas sentados nos balcões dos bares tomando uma única cerveja”, contou.

Engraxates — Além dos trabalhadores com registro em carteira, na Rodoviária, também atuam os informais — que aos poucos estão sendo organizados pela administração do terminal. Inicialmente, foram os vendedores de balas, doces e chocolates que receberam jalecos verdes e amarelos, dividindo-se em turnos para ganharem a vida. Agora foi a vez do cadastramento dos guardadores e lavadores de carros. A próxima etapa será para registro dos engraxates.

Num primeiro levantamento, a administração já constatou que 54 meninos atuam na Rodoviária e destes 46 estudam. “A nossa intenção é permitir o trabalho de engraxate na Rodoviária apenas aos meninos que comprovarem que estão freqüentando a escola regularmente”, informou o administrador da estação, Ivaldo Diniz. Porém, o administrador está encontrando obstáculos no Estatuto da Criança e do Adolescente para organizar a atividade. “Os menores só podem trabalhar com carteira assinada e estamos esperando orientação dos órgãos competentes para definir o que faremos”, esclareceu. (L.D.)



Cerca de 400 mil pessoas transitam diariamente pelo terminal

Reformas só depois do metrô

Os 400 mil usuários da Estação Rodoviária de Brasília (ERB) terão de esperar mais alguns anos para verem o terminal de cara nova — sem as infiltrações que ocultam a beleza de suas formas. Estima-se que serão necessários mais de Cr\$ 5 bilhões para fazer uma reforma geral no prédio, incluindo as juntas de dilatação — sistema usado para unir as lajes de concreto. O administrador regional de Brasília, Haroldo Meira, acredita que, com a conclusão das obras do metrô — que terá uma estação subterrânea ligada à Rodoviária —, o terminal será recuperado.

“Certamente não vamos ter uma moderna estação do metrô ligada à Rodoviária nessas condições”, ponderou Meira, garantindo que a estrutura do terminal está em perfeitas condições. “Não há riscos de ruir”, assegurou. Atualmente, a

manutenção da estação custa em média Cr\$ 150 milhões aos cofres públicos, enquanto a arrecadação com o aluguel dos 82 boxes e lojas é de Cr\$ 80 milhões mensais. Porém, Meira alega que os problemas verificados no terminal — como escadas rolantes paradas — deve-se ao grande número de pessoas que transitam pelo local.

“As escadas não foram projetadas para receber 400 mil pessoas por dia”, explicou o administrador, que defende a privatização do local como forma de melhorar a sua aparência. Citando como exemplo a Estação Tietê, em São Paulo, ele entende que a administração da Rodoviária deveria ser entregue à iniciativa privada, que exploraria os estacionamentos, os banheiros, as lojas e o espaço para propaganda. (L.D.)